

Goiânia, 09 de dezembro de 2021.

Professora: Adriana Delbó Lopes.

Aluno: Emmanuel de P. F. Rocha.

O ENSINO FILOSÓFICO ENQUANTO ATIVIDADE DE AVALIAÇÃO

INTRODUÇÃO

Diante da provocação colocada pela professora Adriana Delbó durante o período letivo de 2021.2 da Universidade Federal de Goiás (UFG), no dia 09 de dezembro, acerca do que é avaliação, me coloco em total disposição e em profunda reflexão diante das concepções adquiridas e vivências experienciadas no meu processo de formação pedagógica desde a escola primária até o momento atual, de construção acadêmica como futuro educador na área de Filosofia, com o objetivo de evidenciar em mim e expor com total prazer, a concepção sobre o que é avaliação e que me fora internalizada e me acompanha até o momento atual.

A proposta celebra o desígnio de sacudir nossos pensamentos até então estabelecidos, e nos levar a refletir não somente sobre o processo avaliativo existente na educação, mas também, sobre a própria educação escolar brasileira. Espera-se que ao cessar de todo chacoalhar dos edifícios erigidos no palácio de nosso intelecto mais arraigado, possa-se contemplar uma nova aurora no amplo processo de amadurecimento da educação, principalmente na maneira como se dá e como entendemos o que é a avaliação, ou melhor, o que deve ser.

1 - O QUE É AVALIAÇÃO?

1.1 - PERCEPÇÕES PRIMEIRAS

A avaliação é um processo no qual o aluno é exposto a algum tipo de análise intelectual, motora, moral, sensitiva ou de qualquer outro caráter que tenha como objetivo

medir o nível de aprendizagem do educando, que foi adquirido ao longo do processo educativo proporcionado por um mentor. Assim, o indivíduo é submetido a questões específicas de determinada área, sejam elas práticas ou teóricas, e seu nível de aprendizagem é considerado mediante um percentual de coerência a partir da diferença estabelecida entre o que fora apresentado em um momento inicial e o que o/a estudante apresenta saber no fim. Em outras palavras, espera-se que o avaliado manifeste respostas que coincidem exatamente ao que fora exposto pelo educador; simplesmente um produto que é cópia de outra cópia onde o “conhecimento” transmitido é carente de qualquer sentido possível, onde as pessoas são apenas potencialmente inteligentes, pois, são boas em decorar aquilo que lhes fora apresentado, mas incapazes de colocar algo sob suspeita, incapazes de refletir.

A partir disso, fica exposta minha constatação do que por mim fora percebido ao submeter um olhar crítico sobre minhas experiências no processo educativo. Assim, constato com o fato de que sempre tive grande facilidade em “aprender”, no sentido em que fora exposto no parágrafo acima, mas isso nunca me bastou, pois, sempre queria entender o motivo de determinados conteúdos apresentados durante o processo educativo funcionarem desta ou daquela maneira, por exemplo, possuía a necessidade de provas matemáticas das fórmulas que eram ensinadas na escola, já que o cálculo sem um conceito por detrás me parecia vazio. Diante de tal relato, percebo que sempre sofri de uma anomalia incurável, conhecida por curiosidade, presente em onze a cada dez crianças que nascem em nossa terra fértil de possibilidades e carente de efetivação.

2 - CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO APÓS DIALOGAR COM A TRADIÇÃO

Após discussões propostas em sala de aula acerca do tema abordado no presente trabalho, fui exposto a diversas opiniões e pude dialogar com referências nacionais da tradição filosófica que investigam o verdadeiro sentido da avaliação. Logo, reavaliei, a saber, repensei acerca da opinião que estava sintetizada em minha mente sobre o significado de avaliar.

A partir disso, passei a perceber que o que se entende por avaliação consiste em uma cirúrgica diferenciação entre o ato de avaliar e o ato de provar, uma dicotomia entre duas atividades diferentes, onde a avaliação pode levar em conta a prova, mas a prova não avalia coisa alguma.

A ideia da prova é tomada como a autenticação de um documento que exige certas especificações para a aprovação, onde é necessário que o indivíduo prove que possui conhecimentos suficientes acerca de determinado assunto, de modo que, ao final, lhe seja atribuída uma nota que avalie o desempenho obtido no ato de tal atividade. Caso o desempenho seja considerado positivo, isto é, esteja igual ou acima de uma média determinada, o indivíduo será admitido pelo órgão ou instituição para o qual submeteu seus conhecimentos.

Por outro lado, contrariamente a essa concepção de prova, e que é quase completamente utilizada de maneira indevida nas instituições de ensino brasileiras, se coloca a avaliação, que devido à confusão existente entre o exercício das duas atividades, o verdadeiro sentido de avaliação acaba por se extraviar e se torna completamente exotérico em relação a sua verdadeira função. Além disso, o processo de avaliar quando tomado enquanto prova, como aponta a professora Ligia M. Rodrigo, funciona como um tipo de instrumento fiscalizador da aprendizagem que pode ser traumático devido a procedimentos autoritários e arbitrários, e embora tenha-se iniciado questionamentos sobre esse tipo de atuação, ainda não caiu em desuso nas práticas docentes mais tradicionais (RODRIGO, 2009, p. 94).

Agora entendo a avaliação enquanto um processo contínuo do desenvolvimento intelectual ou de qualquer natureza, onde o docente deve trabalhar junto do discente, propondo questões, auxiliando em dúvidas, tecendo críticas para que possam ocorrer melhoras e para que o pensamento continue em um exercício constante de reformulação daquilo que já estava estabelecido, e que no fim seja possível equacionar uma comparação que relacione o ponto de partida, em que se inicia o aprendizado, com o ponto final, em que é encerrado o processo educativo, e perceber que houve um crescimento. Identifico a partir disso, uma necessidade fundamental entre o exercício do pensamento em conjunto com a avaliação, pois, a possibilidade de repensar acerca daquilo que já se havia pensado nos possibilita um aprimoramento positivo do conteúdo trabalhado, não só no que diz respeito a atividades didáticas, mas em relação a própria vida e assuntos da sociedade em que estamos inseridos. O próprio exercício que me coloco no presente momento, de repensar uma opinião minha e reaver as possibilidades do que ela pode ser, consiste em um processo avaliativo. O próprio percurso que tomamos ao longo da vida, nossos princípios morais, opiniões políticas, conteúdos culturais que consumimos, personalidade, etc., devem ser colocados à disposição da avaliação para que possamos reavaliar, e então, que seja possível um progresso enquanto indivíduos e sociedade. Porém, é interessante observar que esse não significa necessariamente

um avanço positivo, uma espécie de ascensão contínua, às vezes se faz necessário um movimento negativo, a saber, de desaprender, para que então, possamos aprender para além daquilo que já acreditávamos; é necessária uma deseducação dos preconceitos estruturais, por exemplo, arraigados em nossa tradição e cultura. Consequentemente, a partir da percepção de que é necessária uma progressão tanto positiva quanto negativa quando tratamos do exercício de avaliar, podemos concluir juntamente com Adriana Delbó, que “os pensamento se deslocam e se alteram, retrocedendo, parando, saltando, avançando, criando outros pensamentos acerca do que já fora julgado” (2012, p. 21). Além disso, também existe a necessidade de pensar e repensar sobre esses diversos conteúdos no que diz respeito ao processo educativo, devido à ausência de uma didática pronta, final, perfeita, a saber, que devido a “impossibilidade de formular uma proposta didática ideal e definitiva, deve-se admitir que os reajustamentos com vistas ao seu aprimoramento constituem um processo permanente e contínuo” (RODRIGO, 2009, p. 95).

Tornando ao processo educativo, gostaria de considerar alguns pontos ainda não elucidados. Primeiramente, o processo de avaliação necessita de uma visão panorâmica que englobe todos os indivíduos envolvidos em tal processo, ou seja, a avaliação deve levar em consideração tanto os docentes quanto os discentes, e não apenas uma parte, a saber, a daquele que aprende, pois como o processo de aprendizagem e ensino são indissociáveis, a atuação do professor também deve ser observada e colocada sob análise (RODRIGO, 2009, p. 94). Além disso, devido a concepção de avaliação enquanto prova, ocorre que quando os resultados não são correspondentes ao esperado o erro cometido por um indivíduo é associado ao fracasso, como se esse fosse uma consequência imediata do primeiro, o que constrange a pessoa e a coloca em uma posição de inferioridade como se aquela nota desfavorável definisse o que ou quem ela é, estigmatizando o estudante e o levando a reprovação (CARVALHO, 2013, p. 100). Tais desafios devem ser colocados sob suspeita, para que aliados da concepção de avaliação enquanto atividade do pensamento, seja possível formular alternativas em que a avaliação seja utilizada como metodologia na atividade educativa e principalmente no ensino de filosofia, que será tomado como foco posteriormente.

3 - OUTROS MEIOS DE AVALIAÇÃO

A partir da percepção de avaliação enquanto um exercício contínuo do pensamento, irei me atentar às especificidades do Ensino de Filosofia, e fundamentar uma proposta de

plano de ensino que contemple a avaliação enquanto metodologia do aprendizado. Para isso, é indispensável tecer observações acerca da utilidade da prova, que ainda é confundida com a avaliação, sobre o binômio entre erro e fracasso apontado por José Sérgio Carvalho, e a construção de um ambiente educacional que considere todas as partes envolvidas na atividade educativa, como atenta a professora Lídia Maria Rodrigo.

3.1 - A NOÇÃO DE ERRO-FRACASSO E PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS PARTES

Em primeiro lugar, gostaria de expor um problema apontado pelo professor José Sérgio Carvalho em *Reflexão sobre educação, formação e esfera pública*, onde expõe a existência de um binômio que interpreta que a noção de erro implica necessariamente na de fracasso, e que ao fazermos isso, acabamos estigmatizando o aluno, e isso se torna altamente prejudicial ao longo do processo educativo (CARVALHO, 2013, p. 100). Ao meu ver, o ato de estigmatizar um indivíduo constantemente, impedindo-o que tenha a oportunidade de entender qual foi o motivo do seu erro, para que a partir desse, algo possa ser reavaliado e conseqüentemente melhor desenvolvido, acaba constituindo em seu psicológico uma personificação de algo que ele não é, mas que quando afirmada amiúde, ele acaba aceitando uma máscara forjada à base da negação da oportunidade de se desenvolver para além do que já fora colocado. Ao estigmatizar um estudante fazemos com que ele acredite ser um mau estudante, seja por não conseguir cumprir com as demandas propostas ou pela ausência de um rendimento excepcional quando se trata de notas. É necessário ponderar acerca das condições impostas pela vida, e compreender que em determinadas situações cada um/uma desempenha o melhor que pode dentro das limitações estabelecidas.

Neste sentido, se faz necessário reavaliar, repensar, rever a noção de que o erro implica necessariamente no fracasso, e que a partir disso, passemos a relacionar o erro com outros pares, como por exemplo, erro e conhecimento ou erro e êxito (CARVALHO, 2013, p. 100), o que significa desenvolver o conhecimento a partir da reflexão daquilo que anteriormente foi considerado como incorreto, e a partir de um diálogo com as antigas opiniões levantadas, entender quais aspectos foram considerados incoerentes e prosseguir com êxito após tal raciocínio. Assim, a avaliação consiste em uma “[...] reformulação do trabalho realizado, com base na revisão do caminho percorrido e na constatação de suas possíveis falhas” (RODRIGO, 2009, p. 95). Na Filosofia, por exemplo, que é uma disciplina de conceitos complexos e com detalhes sutis, se faz indispensável a oportunidade de relacionar o

erro com a possibilidade de reaver as colocações que foram feitas, caso contrário, não seriam possíveis os grandes sistemas filosóficos de um autor/a, ou as grandes correntes de estudo da Filosofia, como: a epistemologia, metafísica, lógica, ontologia, etc. O ensino de Filosofia necessita do diálogo com a tradição, com os próprios textos, e com a mobilização constante do pensamento, pois, embora tome progressão a partir do que já está colocado, não deve se limitar a cumprir somente este movimento.

A Filosofia é essa área do saber que exige movimentos no pensamento em direção à compreensão de como funcionou até então o pensamento filosófico, mas ela não se prende tão somente a tais movimentos. (DELBÓ, 2012, p. 35).

A partir do que fora colocado, é de se compreender que as relações de ensino e aprendizagem são minadas na base da edificação do aprendizado quando o/a estudante é personificado/a como autor/a de um fracasso, e a imagem do/a professor/a consequentemente se torna abominável para ele/a. Com isso, a possibilidade de reaver o que foi colocado se torna cada vez menos provável, tanto pela falta de oportunidade quanto pela falta de interesse em continuar a dialogar, refletir, retroceder ao que já fora pensado. Por isso, tanto o ensino filosófico quanto qualquer outra área de conhecimento necessita de uma relação íntegra entre professor/a e aluno/a dentro do processo de ensino e aprendizado, para que trabalhem em conjunto possibilitando o estabelecimento de considerações por ambas as partes.

Logo, é indispensável que os/as estudantes estejam envolvidos/as com o processo avaliativo em conjunto com o/a professor/a para que a avaliação seja convertida verdadeiramente em aprendizagem, estando informados do que será cobrado quanto às atividades exigidas e quais critérios serão avaliados, e quando necessário, que tenham a oportunidade de refazer o trabalho (RODRIGO, 2009, p. 95 - 96) além de estarem em contato direto com as correções e observações colocadas.

Os estudantes podem e devem participar inclusive do processo de correção, por meio da autocorreção, correção entre pares ou entre grupos. [...] Ainda que essas correções não sejam tão bem feitas como as do professor, elas justificam-se por proporcionar oportunidade de aprendizagem e amadurecimento muito maiores (RODRIGO, 2009, p. 96).

Com isso, a avaliação se converte em aprendizagem ao possibilitar a continuidade do diálogo e exercício contínuo do pensamento, ao repensar, reavaliar, rever, questionar, provocar, criticar, salutar. Seriam esses os movimentos do pensamento, princípios axiomáticos para a realização da Filosofia e do seu ensino.

4 - A UTILIZAÇÃO DA PROVA

A posteriori o que fora colocado, acredito que o melhor meio de avaliação seja uma orientação ao longo do processo de aprendizado através de interpelações feitas diretamente com os/as estudantes, para o estímulo de sua participação em discussões, ao ponto que ele/a adquira interesse pelos conteúdos colocados e possam expressar suas opiniões e percepções acerca de tais temas. Assim, acompanhado de correções e sugestões por parte do/a professor/a, o/a estudante poderia aperfeiçoar o que vem trabalhando até que atinja uma qualidade favorável ao que o docente percebe em seu potencial. É interessante o processo de diálogo entre o discente e o docente porque além de demonstrar o ponto em que ocorre equívoco, o educando reconhece o erro, e este lhe auxilia no aprendizado, como fora proposto anteriormente. Além disso, o diálogo na construção do aprendizado se torna essencial para o funcionamento do pensamento, como uma espécie de potencializador das capacidades do raciocínio.

A partir dessa proposta e concepção de avaliação, surge a questão: onde devemos utilizar a prova? É perceptível que a avaliação envolve muitas opções, e necessariamente, ela pode precisar da prova, mas não necessariamente a prova avalia alguma coisa. Pode ser que seja aplicada uma prova ao final do processo avaliativo como maneira de medir o que fora aprendido ao longo de tal período, mas não necessariamente a prova avalia, ela serve muito mais como um “medidor” de conhecimento. A prova pode ser aplicada de diversas maneiras, mas ainda que seja oral, dissertativa ou assertiva, é extremamente preocupante por considerar um dia e horário específicos, e que exige respostas exatas em relação a um determinado conteúdo. Logo, pode acontecer que as condições psicofísicas de um indivíduo não estejam adequadas naquele determinado dia e determinado momento, o que acarretaria em uma prova mal feita ou pouco desenvolvida.

Naturalmente, existem situações em que a utilização da prova se faz necessária, e esta ocasião é perfeitamente aceitável em concursos, por exemplo. É interessante que para um candidato tomar posse de uma função ou cargo específico ele deva *provar* que possui as competências necessárias para tal, caso contrário seria um problema de segurança pública em certos casos, pois, alguém que saiba fazer um circuito fechado e que ao inserir uma lâmpada em tal circuito pode acendê-la, e que possua um conhecimento elementar acerca de eletricidade, não teria a mesma competência para lidar com a gestão elétrica de uma cidade como um engenheiro elétrico, por exemplo, embora todo indivíduo, acredito eu, tenha a possibilidade de desenvolver suas capacidades para qualquer área do seu interesse.

5 - O ENSINO DE FILOSOFIA ALIADO DA AVALIAÇÃO

No entanto, quando tratamos do Ensino de Filosofia em diferentes níveis e áreas educacionais, seja na graduação de filosofia ou de outro curso que engloba uma ou outra disciplina filosófica, no Ensino Médio, ginásio ou na escola primária, nos deparamos com o desafio da aplicabilidade do conteúdo filosófico em ambientes que divergem em relação ao contato com os textos da tradição filosófica, como apontou Geraldo Balduino Horn em *Ensinar Filosofia – Pressuposto teóricos e metodológicos*. Porém, ao analisarmos de perto a função da Filosofia tomada a partir de uma perspectiva aplicável, seja da escola primária à graduação em filosofia, a atividade de pensar surge como exercício inerente do filosofar, e consequentemente, a avaliação que também é mobilizada pelo pensamento. Por isso, podemos compreender que a “[...] avaliação e filosofia funcionam de modos próximos quando se trata do caráter ininterrupto do pensamento” (DELBÓ, 2012, p. 20).

Mas, pode-se objetar que a atividade de pensar não é única e exclusivamente da Filosofia, pois, como aponta Aristóteles em sua obra *Metafísica*, a necessidade da busca de uma ciência que determine o *ser*, aquilo que é fundamento último da realidade, se faz necessária porque todas as outras áreas do conhecimento possuem um *ser* específico, por exemplo, a Física trata do movimento, a Biologia da vida, a Matemática dos números, a Lógica das estruturas do pensamento e etc., mas nenhuma abarca o *ser* de maneira geral. Assim, é proposta a criação de uma ciência que identifique uma unidade em toda a multiplicidade dos sentidos do *ser*, que estude a definição mais fundamental e que esteja presente em todas as outras, e essa ciência é a metafísica. A partir de tal analogia, coloco a Filosofia enquanto atividade do pensar no mesmo problema proposto por Aristóteles, e questiono, o que seria o objeto do pensar da Filosofia se todas as outras áreas do conhecimento também possuem seu objeto de pensamento? A resposta que ofereço e que torna a Filosofia única, é que ela pensa sobre o próprio pensamento, e acima disso, também pode atribuir, através desse exercício, críticas, questionamentos e limites a ele mesmo (DELBÓ, 2012, p. 32).

Como comenta a professora Adriana:

Todas as demais áreas do saber também tratam do pensar. Mas saber o que já fora pensado, estudando a história do pensamento filosófico, bem como dos demais saberes, também evita dispensar esforços para descobertas do que já fora descoberto (DELBÓ, 2012, p. 31).

Tendo em vista o fato de que a Filosofia pensa sobre o pensamento, a avaliação se torna uma ferramenta essencial para a efetivação da atividade filosófica, pois, permite pensar sobre o que já foi pensado, pensar adiante, retroceder, se destruir por completo, construir a partir do que já está posto. Por isso, é possível afirmar que a Filosofia pressupõe a avaliação.

Porque avaliar e ser avaliado são condições para a mobilização do pensamento e, nas circunstâncias de avaliações, esse adquire maior abrangência, flexibilização e, por isso, é conduzido a direções mais exigentes, cuidadosas, sofisticadas e ampliadas, as avaliações mereceriam maior reconhecimento pelas contribuições ao ensino da Filosofia, pelo quanto se faz necessário, nessa área do saber, pensar e repensar acerca do que se pensa, das compreensões e incompreensões, das ideias e dos seus limites. (DELBÓ, 2012, p. 22).

Por isso, independentemente do nível de ensino que seja aplicada, a capacidade de avaliar deve ser desenvolvida, a saber, a capacidade crítica do pensamento, do raciocínio, e mais importante ainda, além de fomentar a capacidade de salutar é necessário apresentar as ferramentas indispensáveis para que o diálogo desenvolvido a partir do pensamento não seja solitário, caso contrário não será possível produzir nada. Assim, é sumamente importante que o estudante seja colocado diante das discussões propostas pela tradição, pois, a Filosofia não é uma atividade que pode ser desenvolvida em uma “assegurada e pacífica solidão”, como afirma René Descartes em suas meditações metafísicas; que embora meditasse consigo mesmo ao se fechar para todos os sentidos e se isolar na razão, só pode produzir o que produziu a partir de uma crítica atribuída ao que já existia anteriormente.

Ademais, ao tratarmos do ensino de filosofia, devemos ter em mente a função social que a mesma possui, a saber, “[...] desenvolver a habilidade de pensar do estudante, como cidadão consciente de sua inserção no mundo.” (HORN, 2009, p. 89), e por isso uma metodologia do ensino filosófico, que considera a avaliação enquanto ferramenta do processo de aprendizado, contribui muito para ensinar os/as estudantes a raciocinarem de maneira verdadeiramente filosófica. Tal objetivo deve ser considerado independentemente do nível ou curso em que a Filosofia é tratada, o que muda deve ser a transposição dos conteúdos trabalhados (HORN, 2009, p. 89).

Mas, ao longo do processo de amadurecimento do exercício do pensamento, é fato que:

[...] o estudante precisa reorganizar e até refazer seu pensamento a respeito do que acredita já saber. Lendo, relendo, lembrando, interpretando, concluindo, organizando e sistematizando ideias, reformulando-as, os pensamentos abstratos, que concretizam passos já dados no decorrer do pensamento contado pela História da Filosofia, são exigidos de cada estudante. (DELBÓ, 2012, p. 23).

Por fim, ao tratarmos a avaliação a partir de uma perspectiva que considere o crescimento e o aprendizado, e que em certo sentido, retroceder também possa ser aprendizado, é sumamente necessário que os/as estudantes estejam envolvidos/as juntamente dos docentes em todo o processo avaliativo, fazendo autocorreções de suas atividades, corrigindo entre seus pares, discutindo, tecendo e aceitando críticas colocadas para que seja possível modelar de melhor maneira o pensamento, desistir de alguns pontos que talvez não sejam os mais urgentes, compreender que a perspectiva do erro não necessariamente leva ao fracasso, pois, a possibilidade de entender a origem do erro permite que ao erigir o edifício do pensamento acerca de algo, esse seja seguro e verdadeiro. A Filosofia é puro pensamento acerca de tudo o que pode ser pensado, e para isso, é necessário que saibamos avaliar, a saber, pensar de maneira filosófica, pois, somente a partir de tal atitude é que será possível avançar, retroceder, produzir, destruir, construir a Filosofia que está por vir.

PLANO DE CURSO PARA O SEMESTRE

CONTEÚDOS

- O questionamento acerca da concepção de avaliação enquanto prova;
 - Necessidade de conceituar o que é avaliação e o que é prova;
 - Problematicar o que a concepção de avaliação enquanto prova pode ocasionar, como o binômio erro-fracasso e a atomização do processo de ensino.
- Relacionar a avaliação com a Filosofia;
 - Compreender o exercício do pensamento como elemento semelhante da atividade filosófica e avaliativa;
 - Apresentar que o exercício de pensar sobre o próprio pensamento é o que caracteriza a Filosofia enquanto uma ciência do saber;
 - Entender que o ensino da Filosofia deve contemplar a formação de um olhar crítico independentemente do nível e área em que o saber filosófico seja aplicado.
- Compreender a necessidade do diálogo com a tradição para o desenvolvimento da Filosofia.

- o Perceber que a Filosofia enquanto uma atividade avaliativa que executa um exercício contínuo do pensamento necessita do diálogo direto com o que já fora pensado, para que a partir disso, seja possível pensar adiante.

OBJETIVO GERAL

Apresentar uma nova concepção de avaliação que difere da relação estabelecida com a ideia de prova, possibilitando relacioná-la com uma atividade contínuo do exercício do pensamento, e que a partir disso, a avaliação se torna uma ferramenta para o ensino da filosofia na medida em que a mesma é uma atividade do pensamento, e que pensa sobre o próprio pensamento. Por isso, espera-se que os estudantes compreendam que na medida em que a avaliação e a filosofia são movimentos do pensar, é de suma importância que quando o pensamento é pensado, repensado, questionado, compartilhado e etc., tudo aquilo que permite um esclarecimento, podemos resultar também em uma ausência de opinião, e que talvez esse seja um ponto mais seguro do que o de quem acredita que sabe.

Por fim, o objetivo mais específico e esperado, é fazer da própria experiência da disciplina uma atividade de avaliação, a saber, que proporcione aos próprios estudantes os movimentos indispensáveis do pensamento sobre as próprias conclusões que já possuem, e aquelas que serão constituídas ao longo do semestre.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

- Encontros semanais visando uma discussão da bibliografia recomendada;
 - o O texto de leitura para a aula será disponibilizado uma semana antes do encontro presencial, e a partir das informações do texto, as aulas serão ministradas juntamente com os questionamentos colocados por todos;
 - o Cada estudante pode se disponibilizar a apresentar um trecho do texto escolhido para a semana, com o intuito de mobilizar maior participação de todos os discentes;
- A correção das atividades propostas ao longo das semanas serão corrigidas entre pares, ou seja, os próprios estudantes irão formar duplas/grupos com quantidades iguais (dependendo da quantidade de estudantes na disciplina), para entrar em contato com a produção dos colegas, e a partir disso, discutir, questionar, reaver, pensar, tecer

críticas, absorver opiniões diferentes, com o intuito de potencializar as discussões que estão ocorrendo dentro da sala de aula, para que seja levada para além da mesma.

- o A correção entre pares não terá nota atribuída por quantidade, mas pela conversação estabelecida com o texto dx colega, pois, o objetivo é fomentar a discussão, e quanto melhor fundamentada e desenvolvida, melhor será considerada.

OBSERVAÇÕES

Ao início e final de todas as aulas serão feitas chamadas para verificar a presença dxs estudantes na disciplina, com o intuito de saber quem tem faltado ou tido problemas quanto ao horário das aulas, seja chegando atrasado ou saindo mais cedo, e até mesmo não assistindo às aulas. A partir de tal informação, o professor em conjunto com o monitor deve entrar em contato com xs estudantes que estiverem com alguma questão quanto à frequência nas aulas, para entender quais são as condições particulares que têm dificultado o desenvolvimento do aprendizado.

A partir dos casos tratados de maneira isolada, as devidas providências serão tomadas, por exemplo:

- Momentos de encontro agendados com o monitor(a) responsável pela disciplina, afim de esclarecer dúvidas, ajudar com as atividades propostas, dialogar sobre os textos trabalhados e todas as atividades de dentro da sala de aula;
 - o Caso sejam muitos casos, o monitor pode marcar um encontro geral que englobe todos esses indivíduos.
- Formação de grupos de estudo para a disciplina;
 - o A formação de grupos será feita entre os próprios estudantes, para que mantenham maior contato entre seus pares, e que assim, possam ajudar uns aos outros. A relação de amizade entre os mesmos pode permitir maior fluxo de informações e flexibilidade quanto aos horários e encontros propostos para discutir às propostas colocadas.
 - o A formação dos grupos e todas essas informações que visam dar apoio ao discente, serão informadas nas primeiras aulas, com o

intuito de tranquilizar as pessoas que possuem diversas obrigações no dia-a-dia e constantemente se desdobram de diversas maneiras para cumprir com as demandas da faculdade.

- Os textos produzidos ao longo das aulas poderão ser refeitos, para possibilitar que xs estudantes possam reaver as opiniões que construíram e que realmente vivenciem a experiência da avaliação. Além de proporcionar a chance de que as notas obtidas sejam melhoradas. O objetivo é proporcionar uma experiência, e não prejudicar ninguém, e como já fora discutido no corpo do texto anteriormente, a possibilidade de reavaliar permite que x estudante aprenda com seus próprios erros – não é do nosso interesse relacionar o erro ao fracasso, mas possibilitar um ambiente de aprendizado independente de “notas”.

O objetivo dessas observações são para diminuir a evasão dxs estudantes desta disciplina ou até mesmo de uma desistência do curso, contribuir para o aprendizado de todos independente das condições socioeconômicas, psicofísicas ou de qualquer outro caráter. O intuito da disciplina é proporcionar uma experiência construtiva que contribua para um desenvolvimento de caráter filosófico.

PRODUÇÃO DX ESTUDANTE

- Xs estudantes deverão produzir um texto que discuta o problema acerca do conceito atribuído à avaliação nas atuais instituições de ensino. Assim, devem criar uma comparação com o que normalmente é passado sobre a avaliação, e depois, apresentar uma sugestão de conceito que podemos atribuir após as discussões feitas em sala e em conjunto com a bibliografia recomendada, ou qualquer bibliografia que possa acrescentar à pesquisa;
- Após o primeiro texto, é necessário que seja formulado um texto seguinte que trate da relação existente entre o ensino de filosofia e a atividade avaliativa tomada do ponto de vista que obtiveram a partir das aulas;
- Por fim, a proposta final é a produção de um texto que relate o percurso da construção do novo pensamento obtido ao longo da disciplina, com o objetivo de fazer com que

xs estudantes retornem aos seus primeiros textos e os relacione com os últimos, para que seja possível comparar o crescimento obtido ao longo de todo o processo.

ATRIBUIÇÃO DE NOTAS

- Participação dxs estudantes nos encontros semanais/monitorias (aplicável dependendo das condições de cada estudantes, como fora discutido nas observações) (4,0);
- Produção dos três textos propostos ao longo da disciplina (3,0);
 - Texto 1 (1,0);
 - Texto 2 (1,0);
 - Texto 3 (1,0).
- Correção entre pares (2,0);
- Leitura dos textos (1,0).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS E RECOMENDADAS

CARVALHO, José Sérgio. **Reflexões sobre educação, formação e esfera pública**. Porto Alegre. Penso, 2013.

DELBO, A. Tramas da filosofia: entre o pensamento e a avaliação. In: **FELÍCIO, C. B. F.** (org.) *Filosofia: entre o ensino e pesquisa* - ensaios de formação. Goiânia: Edições Ricochete, 2012.

HORN, Geraldo Balduino. **Ensinar Filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. Coleção filosofia e ensino; 13.

RODRIGO, L. M. ***Filosofia em sala de aula – teoria e prática para o ensino médio***. Campinas: Autores Associados, 2009.